

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

Leonardo Ryon Alves dos Santos*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v13i2p270-306

Resumo: O presente artigo busca promover uma análise inicial para a problematização do Espaço São José Liberto, concebendo-o não apenas como um “lugar de memória”, mas também como um desafiador “Patrimônio Difícil”. Por meio das reflexões e análises apresentadas, destaca-se a imperativa necessidade de lembrar “aquilo que querem esquecer” sobre o passado do Patrimônio, sendo preciso interpretá-lo como uma construção histórica que passou por diversos usos. Esse contexto visa ampliar pensar as possibilidades de aplicação dos conceitos apresentados para o ensino de História, proporcionando uma abordagem mais dinâmica e contextualizada.

Palavras-chave: História; Espaço São José Liberto; Lugar de Memória

* Graduando do curso de licenciatura em História da Universidade Federal do Pará (UFPA). Vinculado à Diretoria de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Belém (DIED/SEMEC). Bolsista PIBIC do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/ MCTI). /Contato: leonardoryon88@gmail.com.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

Introdução

As reflexões apresentadas neste trabalho resultam das análises promovidas durante a disciplina Prática Curricular Continuada VI - Ensino de História: Museus, Galerias, Monumentos, oferecida no curso de História da Universidade Federal do Pará¹ (UFPA), sendo as reflexões aqui apresentadas derivando das experiências vivenciadas ao longo da disciplina e no Espaço São José Liberto localizado na Praça Amazonas, s/n, bairro dos Jurunas na cidade de Belém do Pará.

No campo da história, há uma profusão de trabalhos que abordam a memória e o patrimônio. A memória, em alguns casos, é tratada como objeto e/ou fonte de pesquisa (CAVALCANTI, 2019, p. 2). Além disso, para o autor, fora do ambiente acadêmico, ela também é empregada como instrumento de luta no desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao patrimônio. Em outras situações, é o patrimônio que se encontra mobilizado, servindo como ferramenta e estratégia na construção e preservação de determinadas memórias, compreendidas como espaços de confronto e luta política (CAVALCANTI, 2019, p. 2).

Diante de diversas temáticas de estudo e abordagens teórico-metodológicas distintas, a memória e o patrimônio tornaram-se objetos e/ou documentos de análise no campo historiográfico. Do mesmo modo, a produção acadêmica sobre o ensino de história demonstra uma ampla e variada utilização da memória e do patrimônio como fonte de problematização. Nesta abordagem, é pertinente ressaltar as considerações previamente entre o ensino de História, a história local e a memória. Parte dos

¹ A disciplina em questão foi ministrada pelo professor Dr. Agenor Sarraf Pacheco no Campus Sede (Guamá) da UFPA.

estudos nesses domínios muitas vezes assume uma natureza mais voltada para o trabalho de “memória” do que propriamente para a “História”:

[...] a história local tem, por outro lado, sido elaborada por historiadores de diferentes tipos. Políticos ou intelectuais de diversas proveniências têm-se dedicado a escrever histórias locais com objetivos distintos e tais autores são geralmente criadores de ‘memórias’ mais do que efetivamente de ‘história’ (BITTENCOURT, 2009, p. 168).

A observação da autora aponta para um específico emprego da memória em trabalhos que abordam o ensino de história, configurando, em certa medida, uma abordagem que compreende e utiliza a memória e o patrimônio, seja como objeto ou documento para a história. No tocante à utilização da memória em pesquisas históricas, é comum encontrar estratégias que a utilizam para legitimar uma hipótese previamente sugerida pelo pesquisador (CAVALCANTI, 2019, p. 3). Em outras palavras, a memória frequentemente é acionada para validar uma versão ou análise específica defendida pelo pesquisador ou professor. Nesse contexto, ela não é devidamente problematizada como fonte, carecendo da crítica necessária para ser empregada como objeto de estudo. Dessa perspectiva, a memória é frequentemente utilizada como um recurso ou ferramenta para validar uma narrativa específica apresentada e sustentada pelo intelectual. Contudo, um trabalho efetivo em História deve prezar pela reflexão crítica sobretudo da memória, talvez em especial quando essa se enraíza no patrimônio.

Com relação ao Patrimônio, este texto opta por se concentrar especificamente nos "Patrimônios difíceis" – também conhecidos como patrimônios sombrios, dissonantes, marginais ou da dor – que remetem a locais associados ao sofrimento, exceção, encarceramento, segregação, punição e morte (LOGAN; REEVES, 2009, p. 17).

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

Esses patrimônios podem assumir a função de memorial ou de local de peregrinação com o propósito de rememoração coletiva, reconhecimento de direitos e reparação (MENEGUELLO; PISTORELLO, 2021, p. 4). Seja na forma de memoriais espontâneos, monumentos oficiais ou museus memoriais, esses lugares que remetem ao "passado que não passa" desempenham uma função crucial na educação pública ou na revitalização urbana (MENEGUELLO, 2014, p. 54).

Dentro deste último contexto, destaca-se o Espaço São José Liberto, situado na região central da Belém do Pará e que passou por uma série de usos desde o período colonial. O local foi inicialmente utilizado como ermida e hospício pelos Padres da Província da Piedade, e posteriormente usado como olaria, cadeia pública e presídio (AMORIM, 2011, p. 340). Atualmente, trata-se de um Espaço Cultural que inclui um museu, um memorial, um polo joalheiro e um auditório-capela, sendo um importante espaço de venda e produção da joalheria paraense, que chega a ser exportada para fora do país (QUINTELA, 2016, p. 307).

Nesse sentido, é crucial ponderar sobre os significados já atribuídos pela sociedade a esse lugar enquanto "Patrimônio Difícil". Portanto, este trabalho prezou por um levantamento de informações acerca das compreensões e usos que alguns setores da sociedade conferem a esse ambiente em seu cotidiano. A escolha dessa metodologia baseou-se em seu potencial analítico, permitindo um estudo aprofundado das perspectivas de diversos setores da sociedade, escapando da visão única muitas vezes imposta por "autoridades" no assunto, e adotando uma abordagem mais abrangente, uma "história vista de Baixo" (LAGROU, 2007, p. 33). Essa postura possibilita analisar como grupos mais amplos de indivíduos

compreendem e utilizam esse ambiente, talvez contribuindo para a compreender determinadas prioridades, posturas e desejos de uma sociedade. Essas considerações fundamentaram a elaboração do artigo e orientaram a análise da amostragem escolhida.

Este artigo também destaca as possibilidades do Espaço São José Liberto no ensino de História, bem como os usos, valores e significados atribuídos pela sociedade a esse enquanto um "Lugar de Memória" (NORA, 1992, p. 7). Utilizando as contribuições teóricas de Paulo Freire, percebe-se que esse local possui um potencial significativo para a formação e letramento dos indivíduos. Conforme afirmou o autor, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", evidenciando que antes do processo final de leitura (identificação e nomeação das letras), os indivíduos leem o mundo, observam, transformam, criam e recriam a própria linguagem (FREIRE, 2001, p. 13). Assim, é imperativo considerar a existência de uma leitura sensível do mundo, incorporando as experiências visuais, táteis, olfativas, auditivas, gustativas e sentimentais ocorridas em determinados lugares. Isso abre caminho para reflexões sobre o papel desses ambientes no ensino de História, considerando seu caráter de Lugares de Memória.

Espaço São José Liberto: Museu e Memorial.

Na cidade de Belém do Pará, nota-se diversas construções históricas concebidas desde suas origens (1616). Dentre elas, um espaço de artesanato e gemas, erigido sobre o antigo presídio de São José; este que, possui muitas histórias por trás do local que hodiernamente se propõe a criar um ambiente familiar; agradável aos olhos do público que desejam adquirir joias, peças de cerâmica ou

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

barro, esculturas, entre outros ou simplesmente vão para apreciar o local. Como forma de estabelecer uma oposição ao antigo nome do local, em outubro de 2002, o Governo do Pará o renomeou como Espaço São José Liberto, em oposição à antiga denominação de presídio, passou a ser então um pólo joalheiro (KETTLE, 2021, p. 78).

Para entender melhor as diversas vozes que rodeiam o local, foi feita uma breve pesquisa de campo com quinze pessoas que estavam visitando o local. Para a pesquisa prévia, foram definidos objetivos claros focados na percepção dos entrevistados sobre o Espaço São José Liberto e a preservação de seu passado. Selecionou-se uma amostra diversificada de visitantes e funcionários, abrangendo diferentes faixas etárias e gêneros. Após contextualizar o tema e obter o consentimento informado, conduziram-se entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas para obter respostas detalhadas. Os dados foram cuidadosamente registrados e analisados, identificando respostas recorrentes e divergentes. Por fim, os resultados foram aqui compilados e discutidos na sessão “O Espaço São José Liberto: Um Patrimônio Difícil”, onde buscou-se refletir sobre as implicações das percepções para o entendimento histórico e a discussão do passado do local.

O lugar experienciou acontecimentos sangrentos, de muita dor e sofrimento, que não são devidamente representadas no espaço, onde as injustiças, maus-tratos, segregação, humilhação e um grande número de mortes cometidas pelas mais variadas motivações, não devidamente expressas em seu espaço, esse passado dos Lugares de Memória que não devem ser pedidas com o tempo (NORA, 1993, p. 14). Contudo, o espaço pode oferecer aos docentes que buscam quebrar a rotina escolar, uma alternativa para o ensino de História, já que o ambiente personifica em sua

trajetória desde a construção até o presente momento os diversos usos que teve o local em diferentes temporalidades. Porém, existem desafios para trabalhar questões importantes da História ali presente, uma vez que, parte de seu passado remete a violências, que nem sempre é bem recebida pelos alunos, pais e demais pessoas que frequentam o ambiente.

Para melhor elaborar as apresentações do passado desse Patrimônio enquanto presídio, uso que perdurou desde sua instalação em 1843 até o fim do século XX (FURTADO, 2020, p. 11). O espaço se utiliza de uma antiga cela, hoje denominada de “Memorial da Cela Cinzeiro”. Não há registros oficiais a respeito do nome, mas se acredita que adquiriu esse título de caráter pejorativo por fazer parte de um local de descartes residuais quando o lugar teve a função de depósito de pólvora e olaria (KETTLE, 2021, P. 84).

Na atualidade, o espaço São José Liberta se destaca por suas múltiplas facetas, incluindo o memorial sobre seu passado como presídio, o museu de gemas e um pólo joalheiro. Um local agora dedicado em grande medida, à criação e produção de jóias artesanais. Este ambiente consegue harmonizar interesses individuais e coletivos, gerando resultados que justificam sua implementação como uma ação de política pública, uma iniciativa que proporciona dentre outras coisas, trabalho e renda para muitas famílias de menor poder econômico, vinculadas ao setor joalheiro (QUINTELA, 2016, p. 333).

A História por trás das Cinzas e das Gemas

Ao adentrar no espaço do antigo Presídio de São José, é possível observar painéis informativos que pretendem guiar os visitantes acerca dos usos que o prédio

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

teve até que fora transformado em um ponto comercial. Um deles chama atenção por se utilizar do título “O Eldorado na Amazônia: entre o mito e a realidade”, fazendo alusão a riqueza mineralógica da região. No entanto, se percebe uma narrativa construída numa perspectiva eurocêntrica, que reforça os já velhos estereótipos com relação à Amazônia. Um dos elementos identificados nos painéis é a retratação dos europeus enquanto “grandes desbravadores” que se dispuseram a explorar o território (KETTLE, 2021, p. 80).

Os militares com seus nomes ali lembrados, são acometidos por doenças e ataques de grupos indígenas, desse modo, retratando os povos nativos como um desafio a ser enfrentado, “um empecilho” para aqueles que supostamente eram responsáveis por trazer a “civilização” a “nova terra”.

Na área da recepção, o chamariz se dá por parte de um dos textos: “Do claustro à liberdade”. O informativo atribui a construção do prédio aos missionários franciscanos da província da Piedade, que tiveram a intenção de estabelecer um convento na região, criado em 1749. No entanto, pesquisas recentes revelam que esse contexto é repleto de nuances, situando o local no meio de intensos conflitos entre os Capuchos de Santo Antônio e os padres piedosos. Essas disputas, que surgiram com a chegada dos padres piedosos em Belém no final do século XVII, eram motivadas pela competição por espaço no processo de evangelização indígena (AMORIM, 2011, p. 340).

Enquanto os capuchos resistiam à presença dos padres piedosos, já que estes tinham a intenção de desenvolver seu próprio mecanismo de evangelização dos povos indígenas, o que levou à ocupação da ermida dedicada a São José, onde

começaram a trabalhar para estabelecer uma casa conventual a partir de um hospício, o que provocou a oposição dos capuchos antoninos (AMORIM, 2011, p. 340). Em 1706, ambas as ordens redigiram um documento que delineava claramente suas intenções e direitos. Nesse acordo, foram reconhecidos aos capuchos antoninos os direitos de antiguidade e interesses territoriais na missão amazônica, e ficou decidido que o Hospício de São José não seria transformado em convento, apesar das intenções existentes (AMORIM, 2011, p. 341).

A região onde se localiza o espaço São José, havia sido doada por Hilário de Souza para o grupo de religiosos, esse que era o 13º capitão-mor do Pará. Segundo, Alan Coelho (2002, p. 7), em uma pesquisa realizada com base nos estudos de Theodoro Braga, são claras as valiosas informações existentes sobre o Espaço São José Liberto. No terreno que foi doado já havia de fato uma pequena capela em homenagem a São José, que segundo o autor em meados do século XVIII foi derrubada para a construção do convento, que seria ocupado e operado pelos frades da Piedade. A construção tinha seu diferencial por ser estabelecida distante da baía da cidade, uma região próxima ao igarapé Comédia dos Peixes-boi, que teve seu nome alterado para igarapé de São José devido a construção do convento (BRAGA, 1972, p. 58). A construção do convento teria alterado a paisagem do local, assim como o número de espécies de animais que ali habitavam.

Contudo, devido às rixas dos piedosos com os capuchos de Santo Antônio, o hospício de São José serviu como uma “casa de apoio” ou “casa de cura e repouso”, que serviria para o acolhimento e o bem espiritual dos religiosos, além de funcionar como enfermaria para missionários doentes, sem nunca ter conseguido de fato

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

ascender à condição de convento, mesmo que por vezes os próprios religiosos assim se referirem a ele (MATOS, 2014, p. 135-136).

O fato é que, ainda no século XVIII, o Governador Francisco Xavier, expulsou os religiosos da localidade após dez anos de atividades, forçando-os a retornar ao Reino (MATOS, 2014, p. 11). Desse modo, o local ficou vazio, ganhando uma nova função como depósito de pólvora, que por seu teor explosivo, ficou alocado distante das residências, e foi de suma importância para a atuação militar portuguesa. O informativo disponível no Espaço menciona esta função do local, visando possibilitar que os visitantes estejam cientes dos fins militares que o espaço teve.

Sob o governo de D. Marcos de Noronha, nos primeiros anos do século XIX, o local serviu como base para a artilharia, revelando aos visitantes um passado violento da Amazônia colonial, em especial, aos ataques dos portugueses aos povos indígenas (KETTLE, 2021, p. 81). Outrossim, o painel da recepção retrata o funcionamento como olaria, disponibilizando produtos reconhecidos na região, ganhando fama por seus trabalhos ao longo das primeiras décadas do século XIX (COELHO, 2002, p. 18). Esse tópico é pouco explorado nos painéis, apesar de ser de grande importância para o comércio e para a construção de diversas casas que até hoje compõem o centro da cidade. Dentre as mudanças, ainda incluídas no painel de entrada, a função de hospital é citada. Na década de 1830 foi usado como hospital para receber feridos da Cabanagem e enfermos durante as epidemias de varíola que assolavam a cidade de Belém (MAROJA, 2002, 28; COELHO, 2002, p. 32).

Por volta de 1840, a cidade apresentava graves problemas estruturais, dentre eles o problema carcerário, fazendo com que o presidente da província, Manuel

Paranhos da Silva, fizesse uma série de reformas e adaptações para realocar os detentos, tornando o local em uma cadeia pública (COELHO, 2002, p. 56). Já o informativo que está nas paredes do São José afirma que o prédio não estava restrito à prisão de homens e mulheres. Haveria, senhores que enviavam seus escravizados para o presídio na intenção de puni-los, sobretudo com por açoitamento (FURTADO, 2020 p. 107). Ao analisar os registros, é perceptível que os primeiros encarcerados eram negros, ainda que não estivessem ligados a escravidão (LIMA, 1999, p. 35).

Na História do lugar, há um tópico bastante polêmico e pesado aos olhos de muitos, já que havia muitas execuções na frente do edifício. A pena de morte é um dos fatores que mais choca os visitantes que admiram a beleza do lugar por transmitir uma atmosfera harmônica junto aos comerciantes e as gemas que estão decorando todo o espaço, dando ao local uma aura sombria, banhada no sangue de negros e indígenas, pessoas de perfil pobre, tratadas com uma extrema violência (KETTLE, 2021, p. 87).

No caso da pena de morte, a execução por enforcamento era precedida por um ritual específico. Após a sentença ser proferida e a data da execução marcada, o condenado passava três dias em um oratório na cadeia pública, onde ele poderia confessar-se, orar e suplicar pela salvação de sua alma (VIANNA, 1992, p. 245). Durante esse tempo, o condenado era acompanhado por um frade e por membros da Santa Casa de Misericórdia, que conduziam as orações e ofereciam consolo religioso (VIANNA, 1992, p. 246-248) Além disso, tentava-se atender aos últimos pedidos do réu, o que incluía permitir que ele se despedisse de sua família a mantendo junto de si e que mantivesse comunicação com amigos, visando assim

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

garantir ao condenado uma morte “boa” conforme as convenções do período (VIANNA, 1992, p. 250-253).

Até 1876, quando a pena é abolida, as execuções eram um espetáculo muito aguardado pela população, contando com uma quantidade considerável de pessoas que iam acompanhar as execuções (KETTLE, 2021, p. 89).

Entretanto, a abolição não significou o fim das mortes, por execução, mesmo depois de um século de abolida a pena de morte, durante a última rebelião no presídio, que durou 30 horas no ano de 1998, foram mortas 2 pessoas sob circunstâncias suspeitas e com indícios de execução, ganhando destaque nacional, logo depois nos anos 2000 o presídio foi desativado. Nos painéis apresentados no espaço, há uma quantidade muito limitada de informações, e a ausência de algumas levam a crer que aqueles que as puseram simplesmente decidiram não expor. Contudo, moradores mais antigos guardam relatos sombrios acerca da violência que fazia parte da rotina, em especial, as mudanças propostas por Magalhães Barata, que dificultaram significativamente a vida dos detentos. Há relatos de corpos desaparecidos, execuções não oficiais, cadáveres que foram encontrados muitos anos depois, muitos deles foram lançados aos rios das proximidades, com amarras de ferro para afundar, os policiais apagavam os rastros com cachos de açaí sem os frutos (KETTLE, 2021, p. 97).

O Memorial da Cella “Cinzeiro”

Dentro do complexo, existe o Memorial da Cella “Cinzeiro”, que se mostra pequeno quando comparado ao restante, limitado a uma única cela – *onde se pode*

observar uma pequena exposição de objetos anteriormente utilizados pelos detentos – utensílios de tortura, defesa, punição e até máquinas caseiras de tatuagem. Além de contar com imagens que mostram brevemente a vida daqueles que estavam encarcerados, sendo que uma delas é chocante por mostrar um corpo do lado de fora do presídio durante uma de suas rebeliões. O espaço teria a função de preservar a História do São José enquanto presídio através do memorial. Logo, o ambiente é um Lugar de Memória devido a sua proposta de tentar “salvar” uma memória não mais vivida, institucionalizando-as, tornando-as quase oficiais, semi afetivas e dotadas de sentimentos e simbolismos, mas são as sobras do que existiu, que devem parar a ação do tempo, imortalizam o passado que já morreu (NORA,1993, p. 22; KETTLE, 2021, p. 91).

Museu das Gemas

Além do memorial e das lojas, os visitantes são apresentados ao Museu das Gemas, contendo um acervo com mais de quatro mil peças que visam demonstrar a riqueza mineralógica da região Amazônica. É importante destacar que, o corpo estrutural do antigo presídio foi preservado, isto é, é possível ver todas as grades ao lado de fora, o formato da construção ainda se mantém. Sendo assim, o Museu das Gemas foi construído em espaços que foram celas.

Com a finalidade de segurança, o museu é rodeado de câmeras e sensores de movimento, já que apresentam minerais de grande valor financeiro, se propondo a exibir um vasto número de jóias preciosas. As grossas paredes do presídio corroboram com a segurança do local, além de ter apenas uma única entrada e saída, e ainda, aqueles que visitam estão proibidos de fotografar as peças. Não são apenas

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

joias que estão na exposição, artefatos indígenas compõem o vasto acervo, como pedras polidas, colares, pontas de flechas, vasos, amuletos, muiraquitãs feitos a partir das mais variadas peças. Infelizmente, não foi possível fotografar essas peças, pois, de acordo com os funcionários do local, há uma orientação que proíbe esse tipo de registro por motivos de segurança.

Os museus ao adquirirem objetos de diversas procedência, depois realizar sua organização por meio de coleção e por fim realizam sua exibição, estão fabricando idéias e valores entre sociedades (GONÇALVES, 2005, p. 258). Portanto, estudar esses processos permite entender quais são esses valores e ideias difundidas e como são reproduzidos, ganhando novos contornos além de serem disseminados nas modernas sociedades. A História dos recursos minerais do Pará que o Museu aborda é profundamente problemática em alguns aspectos. O primeiro deles é por assumir uma perspectiva eurocêntrica ao trazer os europeus enquanto “desbravadores” e “exploradores destemidos” e segundo é o fato de não dimensionar os danos causados ao meio ambiente devido a exploração indiscriminada desses recursos, como o caso da Serra Pelada.

Em Serra Pelada, os danos humanos foram significativos, com condições de trabalho extremamente precárias e perigosas para os garimpeiros, resultando em acidentes de trabalho, doenças ocupacionais e falta de segurança (MONTEIRO et al., 2010, p. 146). Os conflitos frequentes entre garimpeiros, empresas mineradoras e autoridades levaram a prisões e acusações, gerando um ambiente tenso e muitas vezes violento, os impactos sociais negativos também foram evidentes, incluindo o

deslocamento forçado de comunidades locais e tensões entre diferentes grupos de garimpeiros (MONTEIRO et al., 2010, p. 149)

No que diz respeito aos danos ao meio ambiente, a utilização intensiva de mercúrio na extração de ouro resultou em séria contaminação do solo, da água e dos ecossistemas locais, as atividades de mineração causaram desmatamento e degradação ambiental, com a remoção de vegetação nativa e a alteração do relevo da região (MONTEIRO et al., 2010, p. 143).

Essas dimensões não são destacadas enfaticamente nos painéis do museu, que preferem se referir ao caso como uma "corrida do ouro". Essa abordagem acaba por não abranger as diversas facetas dos problemas sociais e naturais causados pela exploração extensiva de recursos minerais na região amazônica.

O Espaço São José Liberto: Um Patrimônio Difícil

O Espaço São José como um Patrimônios Difícil, está situado na categorização realizada por Logan e Reeves (2009, p. 6) de lugares sombrios, dissonantes, marginais ou da dor, que constituem espaços saturados de significados associados ao sofrimento humano, à exceção social, ao encarceramento, à segregação, à punição e à morte. Lugares como esses deveriam desempenhar uma função complexa na tessitura da memória coletiva, podendo até assumir papéis diversificados, como memoriais ou destinos de peregrinação.

A abordagem desses patrimônios como memoriais, seja por meio de espaços espontâneos, monumentos oficiais ou museus memoriais, é fundamental para fomentar a rememoração coletiva e, conseqüentemente, o reconhecimento de

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

direitos e a busca por reparação. É preciso destacar a relevância desses lugares como instrumentos que evocam o "passado que não passa" e que, por conseguinte, desempenham um papel vital na educação pública e na revitalização urbana (MENEGUELLO, 2020, p. 245)

Ao aprofundar a compreensão desses patrimônios difíceis, percebemos que eles transcendem o papel de meros locais físicos e adquirem uma dimensão simbólica intensa. Ao serem reconhecidos como espaços de rememoração e enfrentamento de eventos traumáticos, esses lugares desafiam as narrativas históricas convencionais. A visitação desses patrimônios pode proporcionar uma experiência educativa profunda, incitando reflexões críticas sobre os aspectos sombrios da história e fomentando o diálogo público sobre injustiças passadas.

A conexão entre os patrimônios difíceis e a *dark tourism* (turismo sombrio) é crucial para compreender a motivação por trás das visitas a esses locais. Existe uma significativa relevância cultural e educativa desse tipo de turismo, que vai além do mero interesse voyeurístico (FOLEY; LENNON, 1996, p. 198). A visitação anual a campos de concentração nazistas e à casa de Anne Frank evidencia o desejo de compreender e lembrar momentos históricos marcantes, mesmo que esses eventos estejam associados a tragédias (FOLEY, LENNON, 1996, p. 200)

Contudo, a complexidade desses patrimônios difíceis reside na necessidade de abordagem sensível e ética, considerando que a exploração turística pode, em alguns casos, ser interpretada como uma banalização da dor. Esses lugares, quando não se encaixam na celebração tradicional do patrimônio nacional, são desafiadores para a

sociedade, exigindo um olhar crítico e uma postura de respeito diante das memórias que carregam (MENEGUELLO, 2020, p. 247)

Assim, os patrimônios difíceis não apenas fornecem um elo tangível com o passado doloroso, mas também convocam a sociedade a assumir a responsabilidade pela preservação histórica e a enfrentar as complexidades morais e éticas associadas a esses lugares marcados pela tragédia e injustiça. Essa abordagem ampliada contribui para uma compreensão mais profunda da interseção entre memória, patrimônio e a narrativa histórica, enfatizando a importância de uma reflexão crítica na preservação e na interpretação desses locais desafiadores.

Entretanto, no diálogo promovido com as pessoas que visitam o espaço foram expostas questões importantes sobre como os sujeitos compreendem esse Patrimônio. A pesquisa buscou questionar aspectos relativos à mudança de função do local e a preservação do seu passado. Foram realizadas 15 entrevistas semi estruturadas, visando permitir aos entrevistados responderem de forma mais livre sobre essas questões levantadas, se tratando de um método flexível de obter informações qualitativas sobre uma determinada temática (BARBOSA, 1998,p. 2).

Os entrevistados tinham entre 14 e 71 anos, incluindo 7 pessoas do gênero masculino e 8 do gênero feminino. Entre eles, estavam visitantes espontâneos, presentes no local por motivos de lazer, recreação ou compras. A seleção dos participantes ocorreu em duas etapas: primeiro, foi fornecido um esclarecimento sobre o tema da pesquisa e uma contextualização geral do espaço. Em seguida, verificou-se o interesse dos indivíduos em participar de uma breve entrevista que

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

abordava temas relacionados à percepção que tinham sobre o local e a importância da preservação (ou não) do passado do patrimônio.

Quando questionados sobre a mudança repentina do local para um polo joalheiro que visa mudar a atmosfera transmitida pelo passado “sombrio”, a maioria das pessoas abordadas posicionou a favor, entretanto houveram 4 casos em que os entrevistados de 17 a 36 anos foram totalmente contra a preservação do passado do espaço. Uma senhora de 71 anos que estava no local para comprar joias respondeu: “O passado do local tem uma presença maligna, acho que a gente devia deixar isso de lado, seria melhor para as famílias frequentarem o lugar” (ENTREVISTADO 15). Já outros 3 entrevistados de 41, 54 e 59 anos que estavam a passeio responderam respectivamente o seguinte: “eu venho aqui para comprar joias, não acho legal ter uma estar em um lugar com uma aura ruim” (ENTREVISTADO 13). “O passado já passou, quem vive de passado é museu, é melhor olhar para o que temos hoje, esse espaço hoje né?” (ENTREVISTADO 9). “Acho que essa história é muito pesada, e eu não vejo por que precisamos ficar lembrando disso. Ao invés de manter lembranças desse passado tão ruim, seria melhor pensar em como o lugar melhorou hoje” (ENTREVISTADO 5).

As falas citadas acima são exemplos que mostram o pensamento daqueles que costumam fazer suas compras ali, utilizando o ambiente para fins mais comerciais. Tais respostas demonstram o desejo de certos segmentos da sociedade em “ocultar” ou mesmo “esquecer” toda uma gama de eventos da história do São José. Contudo, diante desse contexto que se impõe, se torna cada vez mais fundamental a prática do “fazer lembrar”, afinal, essa é justamente uma das funções do historiador, conforme

estabelecido por Hobsbawm (2003, p. 13) “cabe aos historiadores, o ofício de lembrar o que outros esquecem”, ou que nesse caso querem esquecer.

Entretanto, houveram respostas de pessoas que realizaram reclamações com relação a transformação do antigo presídio em um polo joalheiro, essas pessoas (no total de 7) que eram 4 mulheres e 3 homens e de idade mais avançada, criticaram abertamente o que o local havia se tornado, os entrevistados tinham entre 55 e 71 anos:

"Alguns parentes meus... primos e um tio...passaram por aqui quando foram ao presídio, e as histórias que eles contavam sobre o que passaram lá era muito difícil de ouvir. Eu venho porque meus netos gostam daqui. Mas essa mudança que aconteceu... na minha opinião tenta esquecer o passado. Poderiam ter escolhido algo mais respeitoso, sobre o que aconteceu no passado." (ENTREVISTADO 4)

A maior idade dessas pessoas pode ser um fator importante para compreender suas posições, a lembrança do passado como um presídio e um espaço de sofrimento, é latente nas falas desses sujeitos: “Acho que é uma forma do governo invalidar todo o sofrimento que ocorreu” (ENTREVISTADO 12). “Nesse lugar...deve ter acontecido tanta coisa ruim, não deveriam ter mudado assim... como se nada tivesse acontecido, sabe? é isso” (ENTREVISTADO 2). As falas destacam uma profunda tensão entre a memória coletiva do sofrimento e a transformação de um espaço historicamente marcado pela dor em um símbolo de modernidade e beleza. Essa dualidade revela a complexidade emocional e ética em torno da reutilização de locais com passados sombrios.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

Houve até mesmo o caso de uma entrevistada que afirmou que seu irmão na década de 1980 foi preso no lugar, onde teria sofrido diversos castigos, é evidente a marca de dor e sofrimento existente na lembrança dessa pessoa:

Vou te contar, meu irmão mais velho ficou preso aqui 2 ou 3 anos, isso..acho que foi em 80 (1980) arrumou briga num bar com um policial... e a gente não tinha dinheiro para isso de advogado...minha mãe... coitada... chorava sempre que via ele... todo todo todo machucado, ele era meio "rebarbado". Eu sei que tá tudo muito lindo agora, tu ve né, tá lindo, mas para mim... entro aqui e vejo tão diferente. Tiraram o passado e substituíram tudo por joia" (ENTREVISTADO 14).

A fala do Entrevistado 14 é particularmente impactante ao ilustrar como a violência e o sofrimento ainda ressoam na memória das famílias afetadas. O irmão, preso e brutalmente maltratado, se torna um símbolo vivo das injustiças do passado. O contraste entre o passado doloroso e o presente "lindo" e transformado sugere uma tentativa de apagar ou, pelo menos, suavizar memórias incômodas, substituindo-as por uma nova narrativa de progresso e beleza. Isso levanta questões sobre a necessidade de reconhecer e honrar essas memórias dolorosas, em vez de simplesmente ocultá-las sob a superfície de renovação. Outras respostas incluíam críticas à transformação de um ambiente que era um presídio em um polo joalheiro:

"Eu cresci aqui perto... então quando era criança e passava do colégio com minha mãe a gente ouvia às vezes... gritos... perguntava para minha mãe o que era e ela só mandava eu andar mais rápido. Ela faleceu depois que aqui virou polo joalheiro e tentava trazer ela, mas nunca quis... nunca disse o motivo... mas eu sabia, ela lembrava daquela rebelião que teve... sabia que tinha morrido gente aqui. Então né, como pode não falarem disso tudo, devia tá em tudo que é lugar isso, para ninguém esquecer" (ENTREVISTADO 6)

“u olho quando venho aqui... vejo aquele lugar que tinha as celas... e fico rindo sozinho... será que um dia vão fechar aquele presídio americano e abrir um shopping? “coisa de doido né”, mas já fizeram aqui e todo mundo acha lindo e não pensam nisso. É igual aquela música “coitada da cidade velha que foi vendida para ser usada como albergue (ENTREVISTADO 3)

Eu sei que quem ficou aqui era só preso né? mas gente morreu aqui, como morreram? né? eu penso aqui? essa gente não era gente?, é bom pensar nisso quando mudam tudo assim (ENTREVISTADO 8).

Os depoimentos dos entrevistados 6 e 8 reforçam essa crítica ao esquecimento. O Entrevistado 6 relembra os gritos ouvidos na infância e a resistência da mãe em visitar o local, indicando como as memórias traumáticas podem durar por gerações. A menção à rebelião e às mortes não reconhecidas oficialmente expõe uma ferida aberta na história local, que muitos acreditam ser negligenciada ou deliberadamente ignorada na nova narrativa do lugar.

O entrevistado 8 questiona a desumanização das vítimas, lembrando que, apesar de serem presos, eram seres humanos que sofreram e morreram. Esse questionamento é essencial ao refletir sobre a ética da transformação de tais locais. Ele propõe uma reflexão mais profunda sobre a humanização das vítimas do passado e a responsabilidade de lembrar suas histórias. Já o comentário do Entrevistado 3 sobre a ironia de transformar prisões em polos comerciais enfatiza a desconexão entre a valorização material e a memória histórica. A comparação com a música sobre a cidade velha vendida para ser usada como albergue pode sublinhar a crítica à superficialidade das mudanças urbanísticas que priorizam o lucro e a estética sobre a preservação da memória.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

O ponto central da pesquisa se deu por parte da memória, que claramente afeta a forma como os indivíduos interpretam o patrimônio, aquela comunidade ainda faria compras ali contendo marcas expressivas de um passado cruel? Para alguns, deveriam deixar mais claro a História do local, visto que, o memorial da cela “cinzeiro” representa apenas um pequeno espaço de todo o complexo. Essas reflexões mostram a importância de um diálogo contínuo sobre a memória histórica, a justiça e a transformação urbana. Elas destacam a necessidade de reconhecer os traumas do passado e integrar essa memória nas novas narrativas dos espaços, garantindo que o sofrimento não seja esquecido em nome do progresso.

Muitos foram os eventos ocorridos no espaço, mas seu passado como presídio parece forte nas falas dos entrevistados e a sensação dos mesmos de que, o que aconteceu não foi devidamente tratado.

O local é um ponto de grande relevância histórica para a cidade, atraindo estudantes de escolas e faculdades. No entanto, a quantidade limitada de funcionários disponíveis para explicar o significado do espaço torna essencial que os docentes que planejam atividades no São José decidam como melhor utilizar o espaço de acordo com seus objetivos educacionais. Desse modo, um local com uma História riquíssima, não pode ficar restrito a um comércio que não dê o seu devido valor histórico. É necessário que os indivíduos saibam “ler” essa parte do mundo, uma leitura que seja crítica, que dê conta da complexidade que o ambiente representa, não podendo primar por uma leitura alienada ou desvinculada da realidade (FREIRE, 2001, p. 14). Para isso, entre os caminhos possíveis, coloca-se aqueles em que reflexões poderiam ser realizadas usando o São José Liberto no Ensino de História.

Entre padres, pólvora, feridos, presos e gemas: as possibilidades para o Ensino de História no São José Liberto

A história do São José Liberto oferece um vasto potencial para o ensino de História. A transformação do local, que adquiriu novas funções, permitiu que sua existência fosse salvaguardada, tornando-se um ponto de visitação popular para pessoas de Belém e de outras cidades. No entanto, é crucial realizar uma reflexão crítica sobre o passado do local. Tendo o espaço essas características citadas, são ricas as possibilidades para o Ensino de História, permeado as várias temporalidades estudadas na educação básica: Colonia, Imperio e Republica.

Pelo o fato do lugar ter suas origens no período colonial com os padres da piedade, é possível realizar uma abordagem da necessidade desses religiosos na região Amazônica para a atuarem na “Conquista espiritual” de indígenas (RAVENA; MARIN, 2013, p. 397). E que, mesmo os religiosos católicos que tinham um objetivo comum de “evangelizar”, não impediu de que ordens religiosas entrassem em conflitos de quem poderia evangelizar ou ter instituições religiosas em determinadas localidades (Amorim, 2010). Compreendo o espaço enquanto imerso em disputas e conflitos, longe de pacificidade.

Ainda no período colonial é possível discutir a transformação do Hospício de São José em um polo de recebimento das drogas do sertão e dos trabalhadores indígenas, além de ser possível aborda as políticas reformistas e anticlericais do Marquês de Pombal, que por meio de seu irmão, o Governador do Grão-Pará, manda expulsar esses religiosos do local como forma de empreender suas ditas mudanças

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

(ALMEIDA, 2003, p. 230). Ocorrendo a tomada da propriedade pelo o Estado, que passa a usá-lo para fins militares de defesa da região, como um depósito de pólvora.

Já com relação ao período Imperial é possível abordar o local enquanto tendo sido transformado em hospital devido a necessidade de atender feridos da onda revolucionária desencadeada pela Cabanagem que varreu o Grão-Pará e transformou Belém em um campo de guerra, além de inúmeras epidemias que corriqueiramente aconteciam (RICCI, 2006, p. 5). Por fim, na mesma temporalidade, o lugar é transformado em cadeia pública e assim permaneceu até o fim do século XX, tendo sido um “depositário” da repressão dos donos do poder político e econômico no Império. Sendo palco de torturas contra escravizados e pessoas consideradas “marginais”, quase sempre indígenas, negros livres e brancos pobres (FURTADO, 2020, p. 11). Sendo possível fazer o resgate da memória prisional, já que espaço permite o resgate e a reflexão sobre a memória prisional, possibilitando aos alunos compreenderem o passado sombrio e as injustiças sociais que marcaram a história da região (KETTLE, 2021, p. 93).

Por último, é ainda existe a possibilidade de abordar o período republicano, entender o local como sendo o ambiente para onde eram enviadas as chamadas “classes perigosas”, isto é, as populações marginalizadas da sociedade brasileira: pretos, indígenas, pobres, etc. Tal como no Império e mesmo com o fausto do Ciclo da Borracha (1880-1910), não cessaram as violências e atrocidades cometidas pelo Estado em nome de uma pretensa “civilização” que com relação a essas camadas da sociedade, basicamente consistia em segregar e prender (SARGES, 2002, p. 45). Ao contrário, o funcionamento do presídio durante a década de 1890, quando Belém

vivia o auge da economia da borracha, revelava uma dura e cruel realidade dos presos, que estava distante da visão idealizada pelos reformadores e urbanistas (SILVA, 2010, p. 39). Enquanto estes projetavam transformações para modernizar o ambiente urbano de Belém, a realidade dentro das prisões continuava marcada por condições brutais e desumanas, em nítido contraste com as aspirações de “progresso” e civilidade da época (SILVA, 2010, 22).

É portanto, possível e preciso, abordar e valorizar esses personagens marginalizados, o Espaço São José Liberto contribui para reflexão desses grupos historicamente silenciados, uma vez que, a na história do próprio patrimônio é um registro da existência desses sujeitos, almejando promover uma visão mais inclusiva e abrangente da história local (KETTLE, 2021, p. 99).

Alguns anos depois, com as reformas do interventor Varguista do Pará, o General Magalhães Barata, houve um endurecimento das regras do presídio para fins de conseguir confissões ou punir aqueles que se colocavam contra o novo regime, sendo portanto possível trabalhar o caráter repressivo da Era Vargas (ROQUE, 2001, p. 163 . Esse legado histórico que compõe o patrimônio o configura como um "Patrimônio difícil" ou dissonante, uma vez que evidencia, entre outros aspectos, a existência de períodos de regimes de exceção promovidos pelo Estado, além da participação de grupos envolvidos na perseguição e tentativa de aniquilação de outros (ASHWORTH; TURNBRIDGE, 1996, p. 496).

Ainda é permitido usar o local como uma abordagem para a Educação em Direitos Humanos, afinal mesmo após a Constituição de 1988 ter assegurado a todos os brasileiros o direito à Dignidade, é possível dizer que como o local foi palco das

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

mais diversas violações e atrocidades cometidas contra seres humanos, indo contra a “Sacralidade da Pessoa” (JOAS, 2012, p. 275). A Promoção o espaço pode ser um importante instrumento para discutir, afirmar e valorizar a importância dos Direitos Humanos, especialmente em relação à valorização da luta dos povos marginalizados, como negros e indígenas, ao longo da história (KETTLE, 2021, p. 87).

A última possibilidade apresentada por este trabalho para o Ensino de História, é discussão e problematização da história que é contada pelo Museu Gemas, seu olhar profundamente eurocêntrico que tenta explicar a exploração dos recursos minerais da Amazônia, com seus cartazes informativos que atribuírem aos indígenas um caráter de “problema” frente aos “desbravadores” da Amazônia. Sendo esse tipo de narrativa profundamente nocivo para uma sociedade que almeja ser plural e respeitadora de seus indivíduos (COELHO, 2017; KETTLE, 2021).

A história do São José Liberto oferece um vasto potencial para o ensino de História. A transformação do local, que adquiriu novas funções, permitiu que sua existência fosse salvaguardada, tornando-se um ponto de visitação popular para pessoas de Belém e de outras cidades. No entanto, é crucial realizar uma reflexão crítica sobre o passado do local.

É nesse contexto que o ensino de História pode e deve ser articulado com o São José Liberto. Apesar do passado sombrio, consideramos que abordar patrimônios difíceis como este é um desafio necessário para o Ensino. Esse local possibilita discussões sobre o apagamento da história de personagens marginalizados na sociedade brasileira desde o período colonial, além de destacar o silenciamento das

vozes e gemidos de homens e mulheres que sofreram nesses espaços (KETTLE, 2021, p. 99).

Um ensino de História que explora todo o potencial de patrimônios como o São José, se propõe dentre outras coisas afirmar a importância dos Direitos Humanos é essencial, especialmente em meio aos ataques do revisionismo histórico que tenta minimizar momentos conturbados como os vividos no São José Liberto (KETTLE, 2021, p. 99). Enfrentar esse desafio permite enriquecer o aprendizado, mas também fortalece a consciência crítica e histórica dos estudantes, garantindo que a memória desses eventos não seja menosprezada. É preciso haver o estímulo ao debate e à reflexão crítica, os professores podem promover discussões sobre diferentes interpretações do passado, posicionamentos políticos diante dos fatos históricos e injustiças sociais, incentivando uma abordagem crítica e reflexiva por parte dos estudantes.

Essas contribuições evidenciam a riqueza e a complexidade do Espaço São José Liberto como um recurso educacional significativo para o ensino de História, proporcionando aos alunos uma experiência enriquecedora e crítica sobre o passado e o presente da região.

Considerações Finais

Diante das reflexões apresentadas ao longo deste trabalho, é possível concluir que o Espaço São José Liberto, localizado na cidade de Belém do Pará, é um verdadeiro palimpsesto histórico, revelando camadas diversas de significados ao longo do tempo. A análise das diferentes fases do local, desde sua origem como

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

convento/hospício até sua transformação em Espaço Cultural, evidencia a complexidade das relações entre memória, patrimônio e ensino de história.

A abordagem específica sobre os "patrimônios difíceis" destaca a importância desses lugares associados ao sofrimento, exceção e morte. O Espaço São José Liberto, tendo servido como presídio com uma história marcada por violências e execuções, é um exemplo significativo desse tipo de patrimônio. A análise crítica desses locais, como proposto neste trabalho, revela desafios e possibilidades para o ensino de história, destacando a necessidade de uma abordagem sensível que considere as diferentes perspectivas da sociedade de cada época. A pesquisa de campo realizada, embora limitada, oferece uma visão mais abrangente das compreensões e usos que a sociedade atribui ao Espaço São José Liberto. A diversidade de vozes e perspectivas apresentadas destaca a complexidade de interpretar e representar a memória desse lugar, sugerindo a importância e as diversas potencialidades de abordagens pluralistas para o ensino de história.

O Memorial da Cella "Cinzeiro" emerge como um espaço fundamental para a preservação e problematização da história do presídio. A sua função como um "Lugar de Memória" busca resgatar e institucionalizar fragmentos do passado, confrontando os visitantes com objetos de tortura, punição e utensílios utilizados pelos detentos. Contudo, esse memorial, ainda que desafie a tendência de esquecimento que muitas vezes permeia a memória coletiva, ocupa um espaço limitado diante da complexidade que o lugar demanda. O Museu das Gemas, construído nas antigas celas do presídio, apresenta uma narrativa que destaca a riqueza mineral da região Amazônica, mas também aborda uma perspectiva eurocêntrica e falta de consideração pelos impactos

ambientais. A história dos recursos minerais do Pará, problematizada pela análise, sugere a necessidade de uma abordagem mais crítica e contextualizada no ensino de história, questionando as narrativas hegemônicas.

Em suma, o Espaço São José Liberto, com suas múltiplas camadas históricas, emerge como um desafio e uma oportunidade para o ensino de história, exigindo uma abordagem que reconheça a complexidade das memórias, confronte os "patrimônios difíceis" e promova uma compreensão mais ampla e inclusiva da sociedade. Diante das ricas possibilidades oferecidas pelo Espaço São José Liberto para o Ensino de História, que abrange desde o período colonial até os dias atuais, torna-se evidente a complexidade desse patrimônio marcado por diferentes temporalidades e eventos significativos. A transformação do local ao longo dos séculos, indo de um espaço ligado à atuação religiosa colonial para um depósito de pólvora, hospital, prisão e, por fim, um polo joalheiro, reflete as diversas camadas históricas que moldaram a região.

A abordagem do Espaço São José como um Patrimônio Difícil, seguindo a categorização de Logan e Reeves (2009, p. 17), destaca a sua natureza sombria e dissonante, associada ao sofrimento humano, encarceramento e injustiça. Esses lugares, quando compreendidos como memoriais, desempenham um papel crucial na rememoração coletiva, na busca por reparação e na educação pública. A conexão entre os patrimônios difíceis e o *dark tourism* evidencia o desejo humano de compreender e lembrar momentos históricos marcantes, mesmo que associados a tragédias.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

No entanto, a complexidade desses patrimônios difíceis se manifesta nas divergentes perspectivas da sociedade em relação à preservação e transformação do espaço. Enquanto alguns veem a mudança para um Espaço como uma oportunidade de superar o passado sombrio, outros criticam a tentativa de "ocultar" ou "esquecer" eventos históricos cruciais. A pesquisa revela a diversidade de opiniões, destacando a importância da prática do "fazer lembrar" por parte dos historiadores, conforme proposto por Hobsbawm.

As entrevistas realizadas evidenciam a relação entre memória, pensamento coletivo e consumo, onde a transformação do antigo presídio em um espaço comercial gera distintas reações. A questão da idade dos entrevistados é relevante, pois a lembrança do passado como um presídio parece persistir de forma mais intensa nas pessoas de maior idade. A discordância entre aqueles que veem a mudança como uma invalidação do sofrimento passado e os que a apoiam ressalta a necessidade de um diálogo sensível sobre a preservação histórica.

Em última análise, o Espaço São José Liberto emerge como um local de grande importância para a História da cidade, demandando uma abordagem educativa mais aprofundada. A leitura crítica do ambiente, guiada por docentes e apoiada por informações claras e completas, é essencial para que os visitantes compreendam a complexidade histórica do espaço. Preservar e interpretar esse patrimônio desafiador envolve não apenas reconhecer suas múltiplas camadas históricas, mas também enfrentar as complexidades morais e éticas associadas a ele.

Infere-se, portanto, que museus, galerias e monumentos têm desempenhado um papel fundamental na preservação e promoção da diversidade cultural (MENESES,

1993, p. 209). Ao longo dos anos, eles saíram de locais de contemplação para ações e intervenções para se tornarem espaços de conhecimento e reflexão. Dessa forma, o autor enxerga que essas instituições funcionam como um espelho da identidade cultural de uma sociedade, possibilitando que os indivíduos se vejam representados e se conectem com suas origens, refletindo de forma crítica sobre elas, possibilitando, também, a conscientização e a compreensão das diversas perspectivas culturais, incentivando o respeito mútuo e a celebração da diversidade. Essas instituições têm o poder de desafiar estereótipos e preconceitos, abrindo espaço para o diálogo intercultural e a construção de uma sociedade mais justa.

Dessa forma, como possibilidade de ensino, a valorização da mediação cultural e da educação não-formal reside na capacidade de construir uma abordagem sensível e inclusiva, essas práticas buscam criar uma atmosfera favorável ao diálogo, à troca de conhecimentos e à construção de uma consciência crítica, aspectos que são fundamentais para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitadora da dignidade humana, além de auxiliar na conservação do patrimônio histórico.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

Referências Bibliográficas

AMORIM, Maria. **A missionação franciscana no estado do Grão-Pará e Maranhão (1622-1750): agentes, Estruturas e Dinâmicas**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Tese de Doutorado, 2011.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A ressocialização nas aldeias: as múltiplas etnias tornam-se índios aldeados e súditos cristãos do Império português. *In: Metamorfozes indígenas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 129-185.

ASHWORTH, G. J; TUNBRIDGE, J. E. **Dissonant heritage**: the management of the past as a resource in conflict. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 1996.

BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de Coleta de Dados em Pesquisas Educacionais. Educativa: **Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais**; 1998. p. 1-10. Disponível em:http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em: 26 ago. 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo, SP:Cortez, 2009.

BRAGA, Theodoro. Teses para conferências didáticas nas escolas públicas e particulares do Estado do Pará. *In: BRAGA, Theodoro. Theodoro Braga no Centenário do seu Nascimento*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1972.

CARVALHO, Bruno Silveira. MUSEUS DE MEMÓRIA COMO ESPAÇOS DE REPRESENTATIVIDADE NA AMÉRICA LATINA. *In: Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil*. Anais. Belo Horizonte(MG), 2020.

COELHO, Alan Watrin. **São José Liberto, joias e artesanato do Pará**: pesquisa histórica acerca do Presídio São José. Belém: SECULT, 2002.

COELHO, Geraldo Mártires. **A pátria do Anticristo: A expulsão dos jesuítas do Maranhão e Grão-Pará e o messianismo milenarista do Padre Vieira**. *Luso-Brazilian Review*, Wisconsin: University of Wisconsin Press, v. 37, n. 1, p. 17-32, 2000.

COELHO, Mauro Cezar. Que enredo tem essa história? A colonização portuguesa na América nos livros didáticos de história. *In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 185-202.

COSTA, Yuri. **Justiça infame: crime, escravidão e poder no Brasil imperial**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2019. v. 1. 466p.

CAVALCANTI, Erinaldo. Para destruir a memória e demolir o patrimônio: algumas questões sobre a história e seu ensino. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e074, 2019.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. O museu como patrimônio, a república como memória: arte e colecionismo em Belém do Pará (1890-1940). **Antíteses** (Londrina), v. 7, p. 20 - 39, 2014.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

FERREIRA, Priscilla R. Camargo. **São José Liberto ou Presídio?** Memória coletiva e o patrimônio material em Belém do Pará. In: I Colóquio internacional mídia e discussão na Amazônia, 2013, Belém: ANAIS. Disponível em: https://www.academia.edu/30049604/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_Liberto_ou_Pres%C3%ADdio_Mem%C3%B3ria_coletiva_e_o_patrim%C3%B4nio_material_em_Bel%C3%A9m_do_Par%C3%A1?auto=download.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOLEY, Malcom; LENNON, John. **JFK and Dark Tourism:** A Fascination with Assassination. *International Journal of Heritage Studies* 2, 1996.

FURTADO, João Victor da Silva. **Na Estrada Para a Cadeia de São José:** Reforma prisional na Belém do Oitocentos (1830-1850). Belém: Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Pará, 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Os Museus e a Representação do Brasil.** *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 254-273, 2005.

JOAS, Hans. **A sacralidade da pessoa: uma nova genealogia dos Direitos Humanos.** São Paulo: Unesp, 2012.

KETTLE, Wesley Oliveira. O Espaço São José como “patrimônio difícil”: desafio para o ensino de história. **Revista História Hoje**, v. 10, nº 19, p. 78-98, 2021.

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. *In*: PÔRTO JR, Gilson. **História do Tempo Presente**. (Org.). Bauru: Edusc, 2007.

LOGAN, W.; REEVES, K. (Org.) **Places of pain and shame**. Dealing with a difficult Heritage. London/New York: Routledge, 2009.

LIMA, Alexandre Caleja. **Proposta de Restauração e Reciclagem do presídio São José**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade da Amazônia. Belém, 1999.

MATOS, Frederik Luiz Andrade de. Os “frades del rei” nos sertões amazônicos: os Capuchos da Piedade na Amazônia colonial (1693-1759). **Belém: Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Pará**, 2014.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios sombrios: memórias difíceis. *In*: FLORES, Maria Bernadete Ramos; PETERLE, Patricia. **História e Arte: herança, memória e patrimônio**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios difíceis (sombrios). **Dicionário Temático de Patrimônio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2020.

Por trás das Cinzas e das Gemas: Reflexões para a História e seu Ensino a partir do Espaço São José Liberto

MENEGUELLO, Cristina; PISTORELLO, Daniela. Apresentação-Patrimônios difíceis e ensino de História: uma complexa interação. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 19, p. 4-11, 2021.

MENESES, U. T. B. de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista** [Nova Série], São Paulo, n.1, p.207-222, 1993.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu; COELHO, Maria Célia Nunes; COTA, Raymundo Garcia; BARBOSA, Estêvão José da Silva. OURO, EMPRESAS E GARIMPEIROS NA AMAZÔNIA: o caso emblemático de Serra Pelada. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 7, n. 13, 1 Out 2010
Disponível em:
<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/176>. Acesso em: 16 jun 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.

QUINTELA, Rosangela da Silva. Lugar de joias, memórias e histórias: o polo joalheiro de Belém e personagens no tempo presente. 2016. 355 f. **Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

RAVENA, Nirvia; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. A teia de relações entre índios e missionários: a complementaridade vital entre o abastecimento e o extrativismo na dinâmica econômica da Amazônia Colonial. **Varia Historia**, v. 29, p. 395-420, 2013.

ROQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 22, 2006.

SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Jorgina Lopes da. São José: a **Cadeia Pública da Capital do Pará (1893 a 1899)**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Belém: UFPA, 2010.

VIANNA, Arthur. **A Santa Casa de Misericórdia Paraense**: Notícia histórica (1650–1902). 2ª ed. Belém: SECULT, 1992.